

# A IMPRENSA.



ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL

No dia 14 de outubro de 1885 o espieta **Raimundo de Arca Leão**, que por 49 horas conspirou a cadeira presidencial desta provincia, demittiu, em menos de cinco horas, cento e tantos empregados liberais, entre os quaes muitos vilalicos! Horror!... No dia 11 de Novembro do mesmo anno o desbragado **Manoel José de Menezes Prado**, calcando aos pés a Res. n. 1062 de 15 de Junho de 1882, removeo forçadamente quatro professores de instrução primaria!

A **IMPRENSA**, publicação semanal. Assinatura por anno 10.000 reis, por semestre 5.000 reis. Publicações de interesse particular—conforme o ajuste devendo virem os autographos *responsabilizados*, sem o que não serão publicados: do mesmo modo as correspondencias isentas de pagamento.

ANNO XXI

Theresina, — SABBADO, 9 DE JANEIRO DE 1886.

NUMERO 899

## A IMPRENSA.

Theresina, 9 de Janeiro de 1886.

### Manobras eleitoraes

O governo do sr. Prado tocou, ao apogeo da arbitrariedade. S. exc. transpõe criminosamente as raízes do qualificavel e entra impavidamente pelos templos da lei, quebrando no sanctuario as estatuas santas do direito.

Apesar das recommendações imperativas do governo geral proibindo a intervenção no pleito eleitoral, s. exc. tem, por todos os modos, procurado embaraçar a livre manifestação do voto, ora infringindo leis positivas, ora mandando em commissões, que nenhum interesse publico exige, empregados liberais, no intuito de roubar ao candidato liberal votos que podem levar-o ao parlamento.

Entretanto o art. 239 do dec. n. 8213 de 13 de Agosto de 1881, diz peremptoriamente: O serviço eleitoral e o exercício do direito de votar preferem a qualquer serviço publico.

Alem da determinação irrefragavel da lei, temos muitos avisos do governo ampliando o seu pensamento, todos opinando imperativamente pela preferencia que o exercicio do direito de votar dá a qualquer outro serviço, sem hypothese alguma contraria, sem atender, mesmo para evitar o que presentiamos para caso algum não fosse o governo: lançar mão de electores, e não lhes o exercicio do mais nobre dos seus direitos de cidadão. Assim, diz o aviso n. 303 de 8 de outubro de 1881: "O serviço eleitoral não pode ser prejudicado por qualquer outro; do contrario o elector ficaria privado de direito de votar."

Em face, pois, destas determinações, decisivas da lei e avisos do governo podia o sr. Prado, sem grave quebra da sua moralidade administrativa, ordenar a electores liberais que exercem empregos publicos que sigão, em commissão em vespereira de eleição, prejudicando-lhes o direito de votar? Só um homem cego pela paixão partidaria seria capaz de lançar mão desses recursos extremos, indicativos de fraqueza e, ao mesmo tempo, de falta de respeito à lei. Delegado de um governo, que pede toda a isenção de poder no pleito eleitoral, s. exc. pretende salvar do naufragio das urnas o candidato infeliz, imposto a um eleitoral que o odia com justissimas razões! A falta de escrúpulos de s. exc. acolá a audacia dos seus subalternos. Não ha muito o dr. Theodoro Pacheco, o director da instrução publica, dirigio-se a um professor, ameaçou e exigiu o seu voto em favor do lugar que exerce, fazendo do cargo, arma eleitoral posta a serviço do seu patrão-mor, que deseja entrar no parlamento como Catilina, em Roma! O medico do partido publico, o detestavel Raimundo das Arças teve igual dilate de exercer velgonhosia presso os electores empregados da santa casa! O chefe de policia, Eneas Nogueira, teve a triste franquesa de declarar em roda, sem rebuço nem respeito à sua nova posição que occupando um cargo de confiança não podia deixar de utilizar-se delle em beneficio do patrão que o arvorou em chefe de policia. Essa declaração veio confirmada pela designação do nosso presado amigo capitão Benjamin Teixeira a vice se obrigado a seguir em deligencia para fora da capital, quando, não havendo perturbação da ordem publica, nenhuma urgencia o obrigava a sair antes do dia 15 do corrente.

Alem desses factos inauditos e só possiveis unicamente nesta provincia no dominio conservador, para todos os pontos do 1.º districto tem sahido detachamentos crescidos, levando os soldados as cartucheiros repletas, naturalmente com ordem para derrantarem o sangue liberal na bocca das urnas. O movimento das tropas é indicativo dos sinistros designios dos senhores da situação, que desejão salvar o seu infeliz amigo rasgando as leis patrias.

Não nos surpreenderá recebendo apoz o dia

15 de qualquer noticia de que o nosso sangue foi derramado. A escolha do pessoal para a policia, a força que tem partido para o interior naturalmente posta a disposição desses homens obscuros, ignorantes e muitos delles reos de policia, provão o plano de muito concertado; terriveis planos assassinos que virão lançar a familia piauihyense na conflagração mais horrenda.

Avarentos e mesquinhos os amigos do dr. Coelho Rodrigues, para não gastarem alguns contos de reis em abuso da candidatura salvadora, procurão por meio do terror augmentar o parco resultado das esmoias alcançadas e pedidas no limitado circulo dos familiares palacianos. Mas os cidadãos piauihyenses, conscios dos seus sagrados direitos, saberão, na dura alternativa em que vão ser collocados, salvar a dignidade desses direitos repellido parrelamente pela força a força que pretendem roubar-lhes o exercicio do voto. O sr. Prado não pensa nisto.

Não ha moderação capaz de conter se perante semelhantes factos.

A este la se foi em commissão o nosso presado amigo capitão Francisco Meirelles Filho examinar as collectorias de Amarante e Oeiras; o capitão Benjamin Teixeira seguiu para Humildes, onde vai votar o dr. Enéas; outros empregados são ameaçados, andão os chefes das repartições de casa em casa cabalando até com o nome do presidente; a força move-se as carceres para o interior e pela disto dispersa e executa o que, ao mesmo tempo, responsavel, como primeira autoridade da provincia, por tudo isto.

Tantas violencias, tantos crimes commettidos com esse alarde e ostensiva arrogancia, sem que aliás caia sobre as cabeças culpadas o gladio vingador da justiça, faz-nos ter saudades dos tempos d'el-rei.

Quando a historia respigar esta epoca tenhrosa ha de enforecer-se profundamente e o historiador tomando a Tacito as vergastas da sua heroica irritação será inclemente como Jesus expulsando a chicote os vendelhões do templo sagrado.

Nos que vemos essa serie tristissima de abusos, de ostentação de poder, sentimos mais tristesa que a indignação que o crime desperta e para verberarmos o hum assomo de justiça offendida, basta-nos unicamente desprezel-os.

O sr. dr. Prado está na barra da opinião, diante do paiz inteiro que o contempla, citado para responder perante o governo imperial. Ou não devemos esperar mais nada da honra do governo ou devemos hereditar que tantas violencias se não deviam punidas. Do contrario é melhor portarmos os factos que nos prendem a communião brasileira ou então rasgarmos a nossa constituição, as nossas leis e proclamarmos a enthronisação da força bruta.

### A circular de dr. Coelho Rodrigues.

O impetrario dr. Coelho Rodrigues, desta vez, faz umas pequenas barreladas ao eleitoral do 1.º districto, prometendo continuar a defender os interesses permanentes da communião brasileira, sem excluir o progresso compativel com elles e de bellar o jugo de... Desejavamos que o celebre doutor nos expozesse quaes são os interesses permanentes da communião brasileira, sem excluir o progresso compativel com elles. Essa tirada transcendental, subtilosa como um texto de metaphysica altanosa, nos deixou de bocca aberta e estes por não termos a intelligencia inextinguivel e a illustração pouco vulgar do seo assecla nesta hebdicta terra, onde o famoso mestre de direito escreve por linhas tortas. O nervoso candidato não larga a sua velata chapa: repellar o jugo do nosso illustre amigo Visconde de Paranaíba! O jugo que é preciso sacudir é o que o dr. Coelho exerce quaes seus servos conservadores; nesses sacos corões que s. s. espesinha como pode, para ver si, entre tantos escravos, apparece algum Spartaco. Si ha na provincia do Piauihy algum que tenha a cobardia de gemer como escravo são os conservadores, que não cessão de fallar em sacudir o jugo. Ora, quem tem sobre si

o jugo é realmente escravo e lamentamos de coração vendo tantos escravos sem esperança de redempção neste tempo em que todas as piratões nacionaes voltão-se para a completa extincção da escravatura no paiz.

O dr. Coelho falta em ductibilidade de caracter e, de facto, s. s. não obstante a dura crosta que cobre a sua catadura enfarruscada, tem seus requebros suaves de obalica, querida quando the acenão qualquer meio de encarpitar-se nas boas sinecuras em que vive. Foi em situação liberal que o dr. Coelho, apesar da sua invulneravel independencia e indutibilidade de caracter, escasseou-se em uma commissão que lhe rende um conto de reis mensal. Para que s. s. podesse allegar tanto de si ou possesse fallar de outros, que nunca mamarão tanto em letas adversas, devia recusar-se a servir nessa commissão, onde a munificencia liberal o acalenta ha longo tempo, sem que, entre par-nthesis, s. s. haja, até agora, dito sequer uma palavra do que tem feito e do que pretende fazer. Em quanto correr-lhe o conto de reis mensal, s. s. estuda, escreve, pensa, consulta e dá tempo ao tempo.

Mas, porque o afamado dr. Coelho Rodrigues quer ser deputado? Pela primeira razão não vale apenas ser suffragado, porque, para defender os interesses permanentes da communião brasileira, sem excluir o progresso compativel com elles, não precisa s. s. encomendar-se: nós agradecemos a sua boa vontade. Para repellar o jugo em que lhe afigura permanecer esta provincia, também não é preciso s. s. abalancar-se a tanto: basta que retire desta terra em que nasceu e em que não mora; os seus olhos curiosos; esqueça-se do Piauihy, de que só se recorda em vespereira de eleição; renuncie as suas pretensões sobre os destinos da provincia, que tudo nella correrá a mercê da melhor harmonia, em pleno progresso que a s. s. tanto tem procurado retardar e entorpecer com essas infelizes aspirações politicas. Ora, para isto, não é preciso que s. s. seja deputado.

A causa que todo Piauihy mais teme é lembrar-se que s. s. procura, aniquilando todos os competidores que lhe surgem a direita, reinar de facto sobre a provincia que o olha com receio e profunda desconfiança.

Si, portanto, s. s. deseja ser deputado unicamente para aquillo; si a sua missão no parlamento é unicamente fazer o que tem feito ha cerca de vinte annos, isto é, nada, a provincia ganhará muito vendo-o arredado do parlamento. Para s. s. insultar a provincia não precisa pedir-lhe um diploma: basta dispor dos prelos d'um jornal.

O dr. Coelho não tem intuito serio nem lhe inspira sentimento algum elevado. A sua missão politica dividida entre as suas indutibilidades de caracter, que lhe alcançarão um lugar de lenf, uma commissão etc. e a encarnizada luta contra o illustre senador por esta provincia, tem sido puramente preciosa aos seus interesses, ora valendo-lhe essas sinecuras, ora o mandato representativo, etc.

O retrato de s. s. está na sua circular. Hoje que a opinião publica sente-se em zombada, por mil e uma idéas e aspirações grandiosas; s. s. voltado sempre contra o venerando Visconde de Paranaíba faz, do alaque a pessoa do nosso respeitavel chefe, para quem é s. s. microscopic, um programma politico, e unico titulo pelo qual impetra e se julga merecedor do suffragio dos seus amigos! S. s. não promette nada ao seo eleitoral; impõe-se com um tom autoritario e ameaçador, como se se dirigisse a escravos.

Apenas garante defender os interesses permanentes da communião brasileira sem excluir o progresso compativel com elles! E' irrisorio. Quaes são esses interesses permanentes e qual o progresso compativel com elles? E o que s. s. embuçado na clamydo dourada da sua magestática sapiencia, não nos quiz dizer. Mas, s. s. não defende tambem os interesses passageiros e transitorios da communião brasileira? A questão do elemento servil, do deficit, do trabalho, da redução do papel moeda, da descentralisação etc. são permanentes ou passageiros? Ora, qual será, perguntamos, no entender do preclaro jurisconsulto o seo juizo abalitado sobre tantos pontos dignos de estudo, preocupações e cuidados de todos os homens que curão dos interesses do paiz? S. s. matreiramente corre por cima dessas questões limitindo, n'uma phrase oca, a possibilidade elastica de tudo prometter ou negar, conforme o sabor do momento.

Garante o dr. Coelho que ou cessará a influencia do nobre visconde de Paranaíba nesta provincia ou será o adversario mais intransigente de todos os sustentaculos do illustre senador. Os sustentaculos do visconde de Paranaíba, no Piauihy, são a sua honradez, longos e valiosos serviços, a sua bondade; lhaneza, enfim, todas as grandes virtudes que adornão o seo hum formado coração. Outros sustentaculos o illustre senador não teve jamais, não tem e não que-

rer, a menos que não lh'os empreste o indocto dr. Coelho Rodrigues. Esses sustentaculos que a inveja faz s. s. mover tão bruta guerra, pode e tem s. s. o direito de negar e mesquinhar, por que o caracter mais saliente da inveja está justamente na pequenez de obscurecer os meritos invejados.

A influencia do nobre Visconde não recusa abalar-se com a elevação do sr. dr. Coelho Rodrigues ao parlamento; s. s. ainda é muito pequeno para aniquillar a cavalheirês que tem meritos consolidados no paiz.

Ahi, na camara dos deputados, onde s. s. ja mostrou o que é, e onde será sempre o mesmo homensinho feito de odio e de vingança, sua presença não emociona a ninguém; antes denuncia o desse orgulho fofa e pedantesco assenta em base com pés de argilla.

Eis ahi, em poucas palavras a que proporção fica reduzida a circular do intemperato dr. Coelho Rodrigues.

Por detraz das enormidades genicas do estúpido jurisconsulto commissionado, deparamos sempre as exiguidades naturaes do pygmeo trepado em pernas de paio.

Opus artificem probat.

### Negocios do Amarantho.

Continuão sem a menor coerção e castigo as violencias suscitadas pelo delegado do Amarantho, Antonio Ribeiro Gonçalves. Ainda jaz segregado no calabouço, entre bastantes e ladões, o alferes da guarda nacional Samuel Borges, a favor de quem existe uma ordem de *habeas corpus* dada pelo illustrado dr. juiz de direito da comarca; ordem que foi ostensivamente despresada, indo a audacia do policial amarantino ao extremo de declarar em impetos de enérgumens, que não serão obedecidas as ordens de *habeas corpus* dadas pelo juiz de direito, porque não conhece a sua autoridade! Esse facto que, em outra qualquer paragem seria sufficiente para chamar toda a atenção do governo, entre nós passa completamente desapercobido, applaudido até, levando o actual presidente o seo horror á moral ao ponto de apadrinhar com a couraça do seo lettal prestigio a violencia criminosa de um delegado que, da parteria com o irmão José, o celebre desordeiro, que quer bater a todo mundo, não faz mysterio em declarar que, apesar da ordem de *habeas corpus* e de set alferes, Samuel permanecerá recluso até cumprir a pena a que está condemnado! Pardeo incrível tamanha audacia!

Entretanto essas e outras affirmativas são publicamente ditas em altas vozes nas ruas mais publicas do Amarantho, no meio das quaes vocifera o irmão José que mandará esbofear ao dr. juiz de direito da comarca; que metterá o pão em quem levantar a voz ou fará prender quem reluctar contra o seo poder e magestade!

O nosso presado amigo Manoel José Vieira está ameaçado de ser arrastado á cadeia. Muitos outros liberais fazem debaixo dessas ameaças que a impunidade parece incitar e encorajar a audacia dos audaciosos policiaes.

Não obstante, porém, o conhecimento que tem desses factos, não só por participação official, como por publicações neste jornal e no "Telephone", o sr. dr. Prado craza os braços e deixa os acontecimentos entregues ao furor das paixões que lhes darão triste curso, de lamentaveis consequencias.

A primeira de todas as medidas era demettir o alferes José Joaquim dos San-

...o commandante do destacamento, que a frente de uns tantos soldados, prestou a sua espada á tudo, ameaçando empregar força para cumprir as ordens criminosas de uma autoridade violenta e a qual não devia obedecer, porque a sua posição de militar não tira a responsabilidade dos seus actos e, por tanto, cumpria no crime, deve acarretar com as consequências d'elle, soffrer o castigo merecido, para exemplo e desaffronta da lei. Mas, nem esse alferes, uma das principaes figuras desse drama odioso; nem o delegado Ozorio, nem o delegado Ribeiro, ninguém emfim soffreu o menor castigo, ficando tudo a mercê das conveniências politicas que obscurecem a luz do direito e abafam os justos reclamos da indignação publica revoltada deante de tantos crimes e prevaricação que lastrão do alto abaixo da pyramide governamental.

Apezar disto, o sr. dr. Prado pela voz da « Epoca » vem agular a furia criminea do delegado procurando attenuar o caso, lançando a responsabilidade sobre o presidente da camara da Regeneração que requisitou a transferencia do alferes Samuel para a cidade do Amarante, e acrescenta que a ordem de habeas-corpus fora expedida depois de realisada a transferencia. Mas a presidente da camara podia fazer semelhante reclamação? Si competia ao juiz municipal ordenar a transferencia, com que direito ordenou-a o presidente da camara e porque razão, apesar de expressa determinação do juiz municipal, o delegado realisou-a com tamanho apparato bellico? Ora, si nem o presidente da camara, que aliás não figura nos documentos officiaes, si nem o delegado podia, contra a ordem positiva do juiz municipal, operar essa transferencia, é claro que exorbitarão das suas attribuições e são ambos passíveis de severo castigo.

A ordem de habeas-corpus foi requerida antes da transferencia. O honrado juiz de direito da comarca tendo conhecimento da violencia que a autoridade policial estava exercendo sobre o alferes Samuel, que lhe requereu uma ordem de habeas-corpus, mandou que ficasse suspenso todo o qualquer procedimento contra Samuel até a conclusão do processado. Entretanto, apesar disto, seguiu Samuel para a cadeia do Amarante! Seja que a ordem de habeas-corpus fosse expedida depois da transferencia. Porque, dada ella, o conservarão detento?

Eis porque chamamos violento o procedimento de Antonio Ribeiro, o principal protagonista desse drama criminoso, no qual o delegado Ozorio, um pobre lhe, um instrumento da ribeirada, representa um papel, criminoso é certo, porém de puro capanga, de testa de ferro. Não necessitava que a « Epoca », para innocentar o desbragado Antonio Ribeiro, nos lembrasse a injustiça que fizemos a Ozorio em não dar-lhe a sua devida posição nessa vergonhosa peripezia do drama amarantino. Não é verdade que o edificio da cadeia sirva tambem de casa da camara; ainda que fosse seria bestial concluir-se como faz a « Epoca », que Samuel acha-se usufruindo as regalias de seu posto na casa da camara, como se esta fosse a calabouço onde jazem reclus os osassas-sinos.

Desde, pois, que Samuel não está detento na sala da camara e sim no caixão commum, procede a « Epoca », como costuma, de má fé, querendo concluir que foi respeitada a isenção que, como official da guarda nacional, gozava Samuel. Mas, seja como for, pode uma autoridade policial, porque entende que a judicaria não executa a lei, intervir nas suas determinações, arvorar-se em fiscal dos seus actos? Por lei tem os delegados de policia alguma cousa com as execuções das sentenças? Entra nas attribuições do delegado tomar a sua conta a

designação da prisão em que Samuel devia cumprir a sua pena? Compete-lhe, caso as autoridades judicarias errarem corrigir-lhes os erros, superintender os seus actos? E' sabido que não. O que, portanto, tinha o delegado que ver com a execução da sentença que Samuel cumpria? Vê-se, pois, que a sua intervenção foi indebita, criminosa e violenta.

A justificativa que a « Epoca » quer fazer aos seus esbirros é a maior condenação delles; condemnação visivel pelo esforço que emprega para innocental-os, procurando inverter os factos a seu talante. Felizmente a questão vertente é d'aquellas que não admittem duas opiniões. Pode quando quizer, a « Epoca » abordar novamente a questão vergonhosa que a sua triste missão obriga a patrocinar: nós seguiremos com paciencia os seus passos, promptos, como agora, a chamal-a á justa razão.

Ficamos á espera.

### TRANSCRIPÇÃO

Conselheiro Franklin Doria

Parece que estes estudos a respeito dos nossos honens politicos, oradores e ministros não são de todo o ponto inúteis.

Um dos indícios, que nol-o diz, é a repetida provocação que o auctor tem recebido para continuar a obra encetada e abandonada.

Timon poderia aqui responder a varias cartas, em que se lhe reclama contra algumas apreciações; em que se lhe explicam certos pontos; em que se lhe pergunta o porque não desenhá tal ou tal figura.

Timon apenas pondera que é como um artista; tem suas preferencias, suas inspirações momentaneas; gosta mais de desenhar os perfis dos estadistas e parlamentares de quem pôde dizer bem, do que os d'aquelles que desafiaram as inclemencias da critica, a qual está no seu direito apoderando-se d'elles.

Não cre que seja o unico que introduziu entre nós este genero de litteratura politica, mas, sem duvida, deu-lhe o exemplo de desenvolvimento: — *faciant meliora potentes*.

O que não se lhe contestará é que, hoje, ao longe do scenario parlamentar, nas provincias forma-se uma idea mais ou menos ajustada da phisionomia dos nossos oradores delinheados n'estes esboços.

Houve tempo em que o prestigio da distancia tornava gigantesca a figura de uns e transformava em semideuses a outros.

Uma vez José de Alencar, com o latego da critica em punho, flagellava as nomeadas de *emprestimo*, e das eminencias da tribuna as atirava ás appadas do paiz.

A força de trabalho José de Alencar chegou a manter-se com galhardia na tribuna e, no momento em que se lhe inflamavam as coleras d'al-na desilludida, não podia perdoar estas reputações formadas, dizia elle, a sombra da tolerancia de todos, por mercê da ignorancia de muitos e pelos calunios e interesses de poucos.

Com effeito é uma cousa irrisoria ver como certas individualidades grimpa até as mais difficéis e elevadas posições politicas.

Porque este homem é tudo? Não se sabe. Elle tinha a petulancia da mediocridade, fez-se a creatura consciente dos potentados dos partidos. Na tribuna proferiu um enxame de necessidades, na administração foi um ministro, que commetteu disparates.

Que todos nós maravilhemos da tolice dos partidos, creando uma nullidade poderosa e afortunada, é razoavel e justo. mas que regateemos aos homens que trabalharam e se illustraram na practica dos negocios publicos a devida justiça, é uma vileza da consciencia.

Nestes ultimos tempos o sr. Franklin Doria mereceu a honra especial de presidir a Camara temporaria.

Ha cerca de 25 annos, elle figura na vida publica e tem occupado superiores posições no paiz. Não é, pois, um homem sem precedentes, que possam justificar a sua elevação.

Ninguém duvida dos seus talentos, ao contrario todos os reconhecem e applaudem; todos encarecem a sua illustração variada; todos honram o seu caracter.

Retractor um homem d'estes importa decaer-vél-o na tribuna do parlamento, nos trabalhos da administração e do governo. Ahi é que se pôde aquilatar do seu valor intellectual e moral; ahi se achará a legitimação da sua eminente posição parlamentar.

Induzido pelo rumor dos applausos e das coleras; fomos examinar o passado politico do actual presidente da Camara, com a curiosidade de um critico e a precaução de um espirito prevenido.

Contemporaneo e contemporaneo do illustre representante, sabemos, certissima scientia et clamante conscientia, que este exame não viria, senão confirmar a opinião, que tinhamos, dos talentos e serviços do sr. Franklin Doria.

Este parlamentar e estadista chegou á posição de presidir a Camara dos deputados depois de uma longa carreira publica, em que lhe subejam provas de brillante capacidade.

Certo, só animos reveis á evidencia poderiam recusar-lhe competencia para desempenhar digna-

mente o encargo que lhe commetteram as fracções dos dois partidos que constituem a maioria n'aquella Camara.

O Sr. Franklin Doria, nasceu na Ilha dos Frades, provincia da Bahia, a 12 de julho de 1836. Seu pai descendia de antigos senhores das fazendas do Loreto e de Gusfalvo, sitas na dita ilha, e que constituiram o morgado, que scabára n'elle.

Seu avô materno foi commandante de tropas milicianas durante a guerra da independencia nacional na mencionada provincia. O nome d'esse varão inscreveu-se nos fastos do heroismo patrio.

Passados os dias felizes da infancia no pittoresca ilha do seu nascimento, o Sr. Franklin Doria frequentou as escolas da capital da Bahia, completando o curso de humanidades, de 1852 a 1853, no collegio de S. Vicente de Paulo, fundado e dirigido sob os auspícios do Marquez de Santa Cruz, arcebispo metropolitano, que, por si só, valia todo o episcopado e podia com justo titulo sustentar a reputação de Bossuet brasileiro.

O Sr. Franklin Doria entrou na Faculdade de direito do Recife, onde se graduou em sciencias juridicas e sociais em 1859.

Durante o tirocinio academico o estudante consagrou ás musas as horas que Horacio chamava elementos, e no anno da sua formatura publicou um volume de poesias, o qual, sabemos, esta revisado e correcto, ha muito tempo, para segunda edição.

Este volume, intitulado *Enlevos*, contém as produções juvenis, que revelam as energias espontaneas da inspiração primitiva.

Na quadra em que appareceu, ao lado d'elle outros poetas tambem novos erguiam os véos ás regiões idéas da poesia. Entre os mais grados apontam-se: Franco de Sá, Trajano Galvão, Marques Rodrigues, Gentil Homem de Almeida Braga e Dias Carneiro, naturas da provincia de Maranhão; José Coriolano, de Piauí; Pedro de Calazans, de Sergipe; Agrario, da Bahia.

A escola do romantismo, na phasa de degeneração, dominava: o ceu azul e o mysticismo da musa religiosa de Lamartine, dolorida nas *Meditações*, crente nas *Harmonias*, voluptuosa no *Jocelyn*; os fulgores do estro pujante de Victor Hugo; as ironias amarguradas de Alfredo de Musset, influiram nas almas aquecidas ao sopro calido dos tropicos.

Entre os poetas da lingua portugueza o eximio visconde d'Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Castilho e todos os versadores da ephemera escola dos trovadores de Coimbra eram imitados.

O auctor dos *Suspiros Poeticos* e Gonçalves Dias haviam sido os iniciadores e propagadores do romantismo no Brazil; o primeiro na phasa triumphal; o segundo no periodo da decadencia.

O Sr. Franklin Doria não evitou o contagio, seguiu a corrente do momento, bebeu na fonte commum. Ha, sem duvida, no espirito dos poetas ou dos pensadores uma grande somma de idéas e de sentimentos, resultante da elaboração geral.

Não é dado a ninguém viver fóra das condições do seu tempo e da sociedade.

Mas o joven poeta soube preservar-se da ridicula affectação de sentimentalismo e da frivola pretensão da litteratura nacional, que artificialmente Gonçalves Dias se esforçava em iandar com as vagas tradições do indianismo.

Este poeta, lyrico de primeiro ordem, tinha uma erronea concepção dos elementos que constituem uma litteratura nacional. Para um povo, como o do Brazil, formado de raças diversas e heterogeneas, e no qual a raça indigena foi absorvida ou aniquilada, Gonçalves Dias imaginou crear uma litteratura, que não exprimia a linguagem nem o sentimento, não traduzia as idéas nem as aspirações da nação real, existente, que nada tinha de commum com as tribus aborigenes, extintas; victimadas, escravizadas, ainda hoje selvagens, bravias e errantes pelas florestas do Amazonas ou de Goyaz.

No prologo dos *Enlevos* o auctor assigna as origens de suas poesias. A este proposito o illustre Soares de Azevedo escreveu as seguintes observações:

« O que o poeta, porém, não diz, mas o que o leitor presente assim que folheia ao acaso o elegante volume, é que o amor do novo poeta é o amor reverente do anjo pelo esplendor da mulher ideal; e que a liberdade do novo Aristogiton é a liberdade do crisol grego no seio de uma cidade christian; e que a religião do manco-bo, que se illustra, é a religião candida e singela do infante, que se ajoelha pressuroso e cheio de fé diante da formosa Virgem do Loreto, que a piedade materna lhe ensinara a invocar »

No entanto o que lhe dá uma feição original é o sentimento da natureza exterior que mais lhe exaltou a imaginação. A sua ilha natal, onde desluzaram os dias descuidados da meninice e os mais afortunados da juventude, tornou-se lhe a sua ilha encantada, como elle diz no citado prologo. São numerosas as suas poesias em que reflectem os matizes e esplendores da natureza tropical d'essa ilha. Todas estão mazeladas do canho de um mysticismo, que designe ao sr. Franklin Doria um lugar á parte entre os demais poetas brasileiros.

Notaremos ainda, como um juiz competente, que a sua ilha querida lhe presta ao mesmo tempo o colorido e a moldura dos seus quadros principaes. Depara-lhe os aspectos ridentes ou severos da paisagem, como se vê nas produções denominadas *A Ilha*, *O Sol nascente*, *Amanhecer*, *A missa do gallo*.

Outras, como por exemplo, *A canção*, *A sombra da Floresta*, *O Amor Perpetuo*, *Sou o mesmo*, exprimem as puras emoções da felicidade.

Algumas vezes, contudo, sob o veu da tristeza

(-) Nome allusivo á tradição historica, segundo a qual, em tempo remoto, dois religiosos catechistas chegaram com alguns Portuguezes a essa ilha, depois de um naufragio, e foram devorados por indios que a habitavam.

ella traduz, como nas estrophes das *Ruínas*, *Hoje, Se eu agora morrer*.

Aqui avulta a figura do pescador, endurecido nas fadigas e perigos do mar; ali o gracioso perfil da insulana. Acalentado no berço pela toada do mar, cujo espectáculo depois frequentemente contemplara, o poeta descreve o mar, ás vezes harmonioso como uma orchestra; outras vezes fremente como a cratera de um vulcão; ora revestido de amplo saio de malha coruscante; ora tranquillo ou agitado pelas refregas do vento, como se o revolvesse mão infernal; já sulcado pela canoa do pescador; já pelo barco alteroso, que demanda as parageas do reconceavo.

A hora das harmonias passa rapida; o poeta põe a conclusão ao livro que as encerra. Eis aqui os versos com que fecha e sella o volume dos *Enlevos*:

Completo o livro está; n'elle teu nome escrevo; Fallava-lhe um remate; achei-o de primor. Bem sabes que tu és meu verdadeiro enlevo, O anjo de bondade, anjo do meu amor!

Escreveu o nome da esposa, que, dotada de raros predicados de uma natureza privilegiada, se associara ao seu destino, ao seu coração e á sua intelligencia.

Leia em companhia d'ella a *Evangelina*, do celebre poeta americano Longfellow e traduziu-a para o portuguez em elegantes versos. Em 1874 veio a lume esta traducção, que foi elogiada pelo proprio auctor do poema original.

Cedo o sr. Franklin Doria entregou-se ás luctas do forum judicario e politico e ás preoccupações do governo.

Não se lhe apagou, porém, no espirito o lume divino. O homem de letras persistiu n'elle.

Em 1868, interrompida a sua carreira politica, dedicou-se ás lides forenses como advogado, e achou um momento opportuno para colligir e rever as poesias ineditas de Junqueira Freire, frade poeta, que abandonou o claustro e morreu moço. Publicou-as n'um volume, precedendo-as de um *Estudo*, em que o genio do desventurado poeta é apreciado com excessiva caricia, mas com exactidão.

Não cabe aqui focar n'esse nome consagrado pela admiração e que o sr. Franklin Doria illuminou em paginas escriptas com um estylo, no qual se confundem os affectos de amigo e a competencia de critico.

Em todos os paizes civilisados as lettras notabilisam as individualidades que tem merito: homens eminentes têm sabido das carreiras litterarias e scientificas para a direcção dos negocios do Estado e para exercer na tribuna parlamentar poderosa influencia. Basta apontar os Canning, Macaulay, Stuart Mill na Inglaterra; os escriptores e professores da Monarchia do julho em França; os advogados e poetas da recente Republica.

O presidente actual da Camara dos deputados pelo seu talento litterario começou a avultar desde que encetou a sua carreira; hoje, apesar da politica que tanto endurece e esteriliza a alma, é ainda um cultor discreto e desvelado da poesia.

É innegavel que, no Brazil, a excellencia da cultura litteraria não é considerada em muita conta no rude trabalho dos partidos. Raros são os espiritos elevados que comprehendem a superioridade do talento litterario n'um homem que tem por missão falar na tribuna para esclarecer a consciencia do seu paiz.

O Sr. Franklin Doria é dos que sentem irresistivel paixão pelo desenvolvimento e propagação do ensino.

Tem-no revelado, já como parlamentar, já como administrador e ainda no caracter de simples cidadão.

É o fundador da *Biblioteca do exercito brasileiro*.

Contribuiu com os seus esforços para organizar-se o *Congresso de instrução publica*, estabelecido por decreto de 19 de dezembro de 1882 sob a presidencia de Sua Alteza o Sr. conde d'Eu.

Com Sua Alteza e os outros membros da Commissão directo da *Exposição pedagogica do Rio de Janeiro*, cooperou efficazmente para inaugurar-se esta exposição em julho de 1883.

Tratou da creação do *Museu escolar nacional*, levada a effeito por uma associação, presidida pelo mesmo principe, e da qual é secretario.

Já tendo adquirido nomeada no fóro d'esta cidade, em janeiro de 1876 o ministro do Imperio, conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, o convidou para reger interinamente, no externato do collegio D. Pedro II, a cadeira de litteratura, vaga pelo fallecimento do bem conhecido litterato, conego Fernandes Pinheiro.

Pouco tempo desempenhou o encargo n'aquelle collegio, a cujo corpo docente pertenceram, alem de outros Brasileiros preclaros, o visconde de Aragoaya, Gonçalves Dias, o barão Homem de Mello e Joaquim Manoel de Macedo.

O discurso que pronunciou por occasião da collação do grau de doutoramento de premios no referido anno, é um bosquejo erudito de historia de litteratura, e mereceu edição official.

Entendendo que era do seu dever justificar por meio de provas especiaes e solemnes a sua nomeação-interina, em 1878, quando acabava de ser reeleito deputado a assembleia geral, o sr. Franklin Doria entrou em concurso, sem competidor, para aquella cadeira; e, havendo-a assim conquistado, não lhe permitiram permanecer n'ella as tarefas que a vida politica successivamente lhe tem imposto.

Espirito infatigavel, occupado, ora com a jurispredencia forense, ora com os negocios do parlamento e do governo, guardou sempre pelas lettras e culto dos primeiros amores.

Elle tem sido um operario que não esmorece, ao contrario, audacioso alvanel, construe a obra da organização e disseminação do ensino, como se este fóra o verdadeiro baptismo de luz e de vida, que chamará maior numero de creaturas humanas á partilha dos beneficios da civilização moderna.

(Continua.) Timon.

VARIEDADE

Uma visita ao cemiterio dos Cartuchos

(CONTINUAÇÃO).

—Faz-me-teir o favor de desenhar duas let- tras gothicas para um canto de meo lenço, um C e um M? disse ella. —Com muito prazer, minha senhora. —Mas deve ser ja. Preciso dellas. Vindo. Afastou as cadeiras e mostrou-me um lugar a seo lado. Sentei-me. Ella offereceu-me uma penha. —Falta-me papel, minha senhora. —Eis aqui, respondeo ella. E me apresentou uma carta fechada em involu- cro inglez. Julguei ser uma resposta e abri-a o mais friamente que pude: reconheci o meo bi- liete. Ella levantou-se e ia sahir. Chamei-a. —Esta carta é para vós, minha senhora, disse estendendo-lhe ostensivamente a mão, sem pre- star attenção ao que fazia. O involucre não bast- ará para traçar as lettras que me pedistes. Ella vendo o marido levantar os olhos do jor- nal avançou precipitadamente para mim, tomou o bilhete e examinou o endereço e disse com indif- ferença: —Oh! sim! é uma carta de minha mãe! O general continuou a ler o «Correio Francez». Eu puz-me a desenhar as lettras pedidas. A se- nhora M. sahio. —Todas estas minuciosidades vos causarão tedio talvez, me disse o Cartucho interrompen- do-se, e vos admirareis de ouvir-as da bocca de um homem que usa estas vestes e que cava a sua se- pultura: é que o coração é a derradeira cousa que se desliga da terra e a memoria a derradeira cousa que se desliga do coração. —Estas minuciosidades são verdadeiras, disse- lhe eu, e, por consequente, interessantes. Con- tinnai. Na manhã seguinte fui despertado as 6 horas pelo general, que, vestido a caçador, vinha pro- por-me um gyro pelo campo. A primeira vista, sua presenya mesperada me perturbou um pouco; mas seo aspecto era tão calmo, sua voz conser- vava o tom da franca simplicidade que lhe era habitual, que me tranquillizei logo. Aceitei o seo convite e partimos. Conversamos sobre diferentes cousas, até o mo- mento em que, prestes a começarmos a caçada, paramos para carregar as nossas espingardas. Em quanto fantamos isto, elle me olhou fixamente. Esse olhar intimidou-me. —Em que pensais, general? perguntei. —Ora esta! eu penso que sois perfeitamente louco apaixonando-vos por minha mulher. Aवालौ o effeito que sobre mim produziu seme- lhante apostrophe. —Eu general! respondi estupefacto. —Sim, vós. Não negueis. —General, eu vos juro... —Não mentaes, senhor; a mentira é indigna de um homem de honra e vós sois um homem de honra, creio. —Mas quem vos disse isto! —Quem? Ora está! Minha mulher. —A senhora M.!? —Quereis dizer que ella se illude? Vedei eis a carta que lhe escrevestes bontem. Elle estendeu-me um papel que não tive diffi- cultade de reconhecer. O suor corria-me pela fronte. Vendo que eu hesitava em tomal-o, ma- chucou-o, fez delle uma buxa e carregou a sua espingarda. Feito isto pegou-me pelo braço, di- zendo-me: —Tudo quanto esterevestes é verdade? Os vossos soffrimentos são taes como os descrevestes? Vossas dias e vossas noites tornár-se-um seme- lhante inferno? Dizei-n e a verdade, agora. —Me perdoareis sem esta confissão, general? —Pois bem, meo filho! répliquo com o seo acen- to habitual. Então é preciso partir, deixarmos e não voltardes senão curado. Estendi-lhe a mão, que elle apertou cordial- mente. —Assim, ficamos certos? perguntou. —Sim, general; eu partirei amanhã. —E' inútil dizer-vos que si precisardes de di- nheiro, de cartas de recommendação... —Obrigado. —Escutal-me. Eu vos offereço isto como si fosses meo filho, não repareis. Decididamente não quereis? Pois bem! cagemos e não fallemos mais nisto. A dez passos de distancia uma perdiz voou e o general abateo-a com um tiro. Vi minha carta arder fumegante na buxa. As 5 horas voltamos ao castello. Eu quiz deixar o general fora; mas elle insistio para que entrasse. —Eis, minhas senhoras, disse elle entrando no salão, um bello rapaz que vem fazer-vos as suas despedidas. Parte amanhã para a Italia. —Um certo? O senhor deixa-nos? pergun- tou Carolina levantando os olhos do bordado. Encontrou os meos, supportou-os tranquilla- mente dois ou tres segundos e poz-se de novo a trabalhar. Cada qual fallou por sua vez desser viagem tão brusca, de que eu não dissera sequer uma palavra antes; mas ninguém advinhou a causa. A senhora M. me fez as honras do jantar com uma graça infinita. A noite fiz as minhas despe- didas. O general conduzio-me até a porta do parque. Eu não sei si deixando-o sentia, por sua mulher, mais odio que amor. Viajei um anno. Vi Napoles, Roma, Veneza e admirava-me sen- tendo a paixão, que julgava eterna; cada dia ex- tingui-se do meo coração. Cheguei em fim a con- sideral-a apenas como uma das aventuras do que é senhada a vida de um rapaz, de que não nos recordamos mais senão intermitentente, até que acabamos por esquecer-a de todo. Entrei em França pelo monte Cenis: Chegando a Geno-

ble, projectamos, eu e um rapaz que encontrei em Florença, vir visitar os Cartuchos. Assim vi esta casa em que habito ha 6 annos e disse rindo á Manoel (era o nome de baptismo do meo com- panheiro) que si tivesse conhecido este claustro, quando estive apaixonado, me teria feito frade. (Cheguei a Paris e reatei as minhas antigas rela- ções. Minha vida continuou como po tempo quando conheci a senhora M. Me parecia que tudo quanto acabou de contar-vos era um puro sonho. Somente minha mãe, aborrecido-se do campo, depois de minha partida, vendera o nos- so e comprara um palacio em Paris. Encontrei o general que estava satisfeito comigo. Convi- dou-me para visitar sua mulher. Aceitei, certo de minha indifferença. Entrando no quarto senti todavia uma ligeira oppressão. A senhora M. tinha sahido. A emoção que experimentei foi tão pequena que não tive nenhuma inquietação. Alguns dias depois, indo ao bosque encontrei, ao dobrar uma rua, o general e a mulher. Evital-os seria affec- tação. Porque havia de temer a senhora M? Dirigi-me, pois, para elles. Achei Carolina mais bella ainda que d'antes: quando a conheci os pri- meiros incommodos da gravidez fatigavão-na, ao passo que então, com a saúde, renascerão a fres- cura e a vivacidade. Fallou-me com mais affec- tuosidade que de ordinario, estendo-me a mão, que senti tremer ao contacto da minha. Eu extre- meci da cabeça aos pés. Olhei-a, ella abaixou a vista. Puz meo cavallo a passo e marchei perto della. O general convidou-me para acompanhal-os ao campo, para onde partiria brêvemente e in- sistio sobre tudo porque ja não possuíamos o nosso. Recusei. Carolina virou-se para mim e disse-me: —Venha! Até então não conhecia sua voz. Não respondi nada e mergulhei-me em um escuro profundo: não era esta a mesma mulher que vira um anno antes. Ella dirigio-se ao marido: —O senhor teme aborre-er-se em nossa com- panhia. Autorisai-o, pois, para coinduzir um ou dois amigos, que se decidirá talvez. Ora esta! respondeo o general. Podé trazer os que quizer. —Ouvistes? —Obrigado, general, respondi sem ter bem con- sciencia do que dizia; mas tenho compromissos... —Que vos preferis aos nossos, disse Carolina. E' amavel! Ella acompanhou estas palavras com um desses olhares, pelos quaes, um anno antes, eu teria dado minha vida. Aceitei. Continuava ver em Paris esse rapaz que conhecia em Florença. Elle veio visitar-me na vespera de minha partida e perguntou-me para onde ia. Não tinha molivo para occultar-lhe. —Ah! é interessante: pouco faltou que eu fosses dos vossos. —Conheceis o general? —Não; mas um dos meos amigos ia apresen- tar-m'o, quando foi obrigado a partir para a Nor- mandia afim de receber a herança de não sei que tio, que morreo. Si não fora essa contrariedade, seria muito feliz gozar lá da vossa companhia. —Me lembrando do offerecimento do general; disse á Manoel: —Qu'reis que vol-o conduza? —Tendes autorisação para isto? —Oh! absolutamente. —Então aceito. —Pois bem, preparai vos: amanhã ás 8 horas irei buscar-vos. (Continúa.)

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

Manifesto

Apparecendo em politica, declarei-me conser- vador, por querer acompanhar os conservadores deste termo, na persuasão que seria tratado com aquella consideração que os meus serviços dessem direito; não tardei muito, porém, em reconhecer que me havia enganado, porque a indifferença era o tratamento que recebião os conservadores fra- cos como eu, mas que prestavão os seus serviços na altura de suas forças. Não obstante o que a- contecia; continuei firme, esperando um procedi- mento melhor: tive porem o desengano, porque, alem da indifferença me tem ameaçado e procura- do fazer mal, porque não me quiz sujeitar a certas imposições, por isso não devendo por con- sideração nenhuma acompanhar mais ao partido conservador, declaro-me liberal, visto como este partido tem ideas nobres e generosas e procura o bem estar do paiz, o que de coração muito desejo. Despedindo-me, pois, do partido conservador e abrigan-do-me a sombra da bandeira do brioso partido liberal, asseguro aos novos co-religiona- rios, prestar com firmeza e lealdade, os serviços que estiverem em minhas forças. Piracurua 23 de Dezembro de 1885. O Elitor, Antonio José de Souza.

Com vistas ao sr. major coman- dante do corpo policial da pro- vincia Lysandro Nogueira.

Por causa da affluencia de serviço em minha officina deixei de analysar o artigo de s. s. pu- blicado na «Epoca» de 27 de Dezembro ultimo sobre as muambas do seu quartel; o que venho hoje fazer. Nada mais direi com vistas a s. ex. o sr. pre- sidente da provincia e commandante das armas, porque s. s. já disse—que era somente a quem tinha de prestar contas de seus bons ou más ac- tos—(não sei como não disse que só tinha de prestat-as ao Rabeca!).

Entretanto, sr. major, entendiamos que s. s. não era excepcional; desculpe-nos. Entendiamos que os homens da actualidade não erão absolutos, e pelo contrario que, como qualquer cidadão li- beral, tinham de prestar contas de seus bons ou más actos, não só ao governo como a sociedade; mas como o governo actual exceptua-os d'este cumprimento de dever, afogentar-me-hei de cer- tas cousas, que, apesar de, a primeira vista, pare- cer acto de interesse social, a segunda, represen- tação um acto indigno. Entretanto, venho cumprir minha missão; sou cidadão, e, como tal, tenho direito de censurar os actos máos. Diz s. s. em seu alludido artigo: «Denúncias anonymas publicadas em jornaes só servirão de prova para punição severa ou mesmo para concessão d'uma commenda quando reinarem os «Murcuripes»; por ora não.» E' mais uma prova do que acima dissemos. S. s. provou a nossa asserção, e diz que justi- ficou-se. Boa justificação, tem direito a commenda. S. s. foi accusado, não por um anonymo, mas por mim, por consentir que os capitães de com- panhias, sob seo commando, mandassem abonar os soldados com o escandaloso lucro de 10 % com o fim unico de proterger-se a este ou aquelle individuo que talvez esteja para fallir, quando de taes abonos não havia necessidade, pois, como dissemos, os policiaes são pagos pelo governo de 15 em 15 dias, mesmo para evitar taes abonos, visto que estes não têm ranccho como os soldados do exercito. Acresce ainda outra circumstancia, e é a se- guinte: O tal abonador de dinheiro com o mo- dico lucro de 10 %, quando recebe o bilhete de —abono—em vez de dar o dinheiro ao soldado, obriga a este receber toda ou a maior parte da importancia em mercadorias com 199 1/2 % de lucro a fóra os 10 % que cobra como se a im- portancia fosse abonada em dinheiro; de sorte que, o soldado que de 15 em 15 dias recebe 402000 reis para pagar 53000 reis ou menos, fi- cando assim sem um vintem para supprir as suas necessidades e de sua familia, vê-se na dura contingencia de vender os alfarrabios, que a ti- tulo de abono recebe com 220 % de abate, como, contra nossa expectativa, temos observado. Eis ahi os factos que temos censurado, sr. commandante, e pelos quaes tornamos s. s. o unico responsavel; isto é, digo nós porque fallo em nome da sociedade. Estamos bem informados que, sem offender a susceptibilidade de quem quer que seja, sempre foi s. s. um militar distincto, e que por conse- guinte, para viver, não precisa do mesquinho soldo do pobre soldado; mas é por isto mesmo que esperavamos outro procedimento de sua parte. Vou terminar, apesar de ter ainda factos sujei- tos a censuras, taes como estarem tambem os sargentos por sua vez a fazer penechas a custa dos pobres soldados; mas como s. s. já declarou que só tem de prestar contas no Prado á s. ex. o sr. presidente e commandante das armas, nada thais, por agora, direi. Até a outra vista. Muçuripe. 4-1.º-86.

Ao capitão Bate solta.

Não sei se s. s. já despió a grossa farda de sol- dado de tarimba e satisfiz os meos reclamos. Mas, seja como for, somente em tres cousas não posso me acostumar, e são: 1.º dizer s. s. que estou fazendo mal aos liberaes porque, os unicos que têm camaradas são o exm sr. dr. Souza Lima e capitão Nemezio, mas que es vai retirar: 2.º que o homem soffre de parto; 3.º que ha diarrhea nos mijolos. Ora, quanto ao 1.º ponto devo dizer a s. s. —que é o unico meio de pagar os beneficios de seus antigos benefiteiros, e especialmente ao dr. Souza Lima que fez com que s. s. não estivesse hoje supportando á frio das fronteiras para não dar treguas ao adversario vermello. Quanto ao 2.º, que tenho procurado em todos os autores da medicina e somente o unico caso do parto que encontrei com relação ao homem, é quando este sa: em commissão do governo para um cavallo de sella, ou então quando o homem sai do clima quente e vai percorrer o sul, cujo clima é frio. E' 3.º que nenhum caso encontrei, mas consultando ao penha d'ouro disse-me elle que as vezes este mal costuma atacar aos sol- dados de tarimba quando elles não dão treguas e vomitão avisos e decretos. Bem, capitão Marimba, vamos mudar de as- sumpto, e passemos as nossas divagações, á gosto do seo estylo. Outro dia, quando conversavamos, tive occasião de notar que s. s. estava bastante zangado comigo e até chamava-me de—doutor, cousa que nunca fui, e então ciscava como um d'auardo porque eu lhe havia chamado carniceiro do dr. Euéas, quando até era commissario! S. s. ainda deve lembrar-se que era quem matava os bois para vender aos soldados, e era quem despachava as commoções para compra de legumes! Ora, diga- me, de quem erão os bois? de quem erão os burros? Acostume-se capitão Hemorrhoides, o mundo é assim; outros, porém, ajoelhando-se, quando mandão fazer fogo; agaxando-se, para tomar chada ao inimigo; agarrando-se com a criança para agarrar ao paiz; transferindo-se de... batallião á batallião; namorando aos partidos a diversos; e emfim de muitas sortes; como por exemplo: se o Nemezio não fosse tão molle estaria hoje na infer- maria? não; estaria como s. s. que nunca deu treguas ao adversario; é homem que, deixe fallar o Faustino—é... do governo, porque é militar, e emfim tem jeito para manobrar o... exercito, e mesmo porque a sua fé de officio, é um bou-

quet... meu velho!—não se encontra n'ella se- não cratos d'aqueelles que ja uma vez o levarão ao sul, tudo porque n'aquelle tempo s. s. não sabia namorar, como hej, que é soldado tarim- beiro e marombeiro. E, por fallar em soldado, capitão Vareta, lembrou-me de que s. s. me disse que os da companhia de infantaria não erão dis- tribuidos com o serviço de camaradagem; pois bem, quem fez o quintal da casa do alferes Ur- bano? quem pila arroz em sua casa? quem foi do lado do Maranhão cavar dinheiro com s. s.? em que se empregão os recrutas, que os soldados velhos estão dobrando nas guardas 2 e 3 mezes? quem vai a rua a noite e traz de... para s. s.? Vamos! responde! se é preciso ciscar atire as gambias ao chão e cisque para descobrir a muamba. Ah! meu velho capitão Botija! já ia esque- cendo-me!—as muambas! A quem s. s. com- prou mobilia de Jacarantã? ao quartel? não é assim? E lá tem a venda? não; foi dada ao consumo por imprestavel, e entretanto, não tem um só objecto que ao menos esteja ralado! Be-, vou terminar por hoje, desejando que s. s. tenha tido uma feliz entrada de annos, bem como qu' esteja livre do pioho viajante e das desenvolturas de ventos da fossa nasal, cujo mal, quando lhe ataca, faz-lhe reaparecer um destem- pamento de parto e diarrhea pela garganta, que causa loquitos... Adeus, escreve-se com este pivete. 4-1.º-86. Muçuripe Junior,

Piracurua 26 de dezembro de 1885.

A «Imprensa» como jornal opposicionista e com o direito de censura aos actos da publica administração conferido pela Constituição politica do Imperio, patenteou ao publico a inconvenien- cia de nomeações que pelo actual governo foram feitas de certos individuos que por seus prece- dentes e actos desregrados, não devião ser ap- roveitados para cargo algum. Com relação a este termo, tratou das nomea- ções para delegado de policia do individuo de nome Cicero Newton de Brito Fontenelle e para collector do individuo de nome Pedro Melchides de Moraes Brito, conhecido por Pedro botina, baseado a sua censura nas accusações feitas aos mesmos no «Paiz» do Maranhão pelo bacharel Luiz Duarte da Silva ex-juiz de direito desta comarca, conservador e actualmente chefe daquel- la mesma provincia. Aos accusados ou ao orgão do seu partido, cumpria provar que os factos relatados pelo dr. Luiz Duarte erão falsos, sem o que não tem de- fesa possivel; longa porem do o fazereim, gritarão como cães dançados aquelles e outros maisins, logo que chegoem aqui a «Imprensa», que taes e taes liberaes serão aggreffidos com a verdade, com a mentira e com a calumnia em tudo, não escapando mesmo, nem o santuario das familias. Dito e feito. No dia 23 do corrente, chegando da cidade da Parahyba o crapuloso Cicero, trouxe a «Epoca» de 13 em que são atassalhadas as reputações il- libadas do illustrado juiz de direito interino dr. Francisco Anteno de Oliveira Praxedes, do dig- no vigario padre Maximo Martins Ferreira do professor publico capitão Luiz Soares Godinho, do tenente coronel José Narciso da Rocha e dos capitães Geraldo Nunes Sant'ago e Benedicto Martins Ferreira, aos quaes, pelo que parece, que re- tornar responsaveis pelo que disse o bacharel Duarte: mas porque os maisins, amigos da «Epo- ca» não respondem ao mencionado bacharel? Não foi elle quem disse: «Capadoçio é seu sobri- nho Cicero conhecido pelo nome de cara desman- telhada que anda pela rua como um cachorro... onde não respeita os lugares santos para os actos de libertinagem e Pedro Melchides de Moraes Brito o mesmo que praticou UM CRIME DE FURTO (a) a bordo do vapor Pirapama e que foi encontrado dentro do cano da bonina (b)? Co- mo pois, outros podem ser responsaveis, por taes accusações? E' consequente que aquelles mal- sins, não tendo meios legitimos de defesa e te- mendo ao mencionado bacharel, a quem sempre se acucardarão miseravelmente, que até os pés, talvez, pedissem para beijar, fizeram como diz um escriptor, que o calumniador não podendo elevar-se a altura do homem probo, procura por meio da diffamação rebaixal-o até si, atirando-se por isso furiosos contra os mencionados senho- res, calumniando-os emprestando-lhes qualidades suas e do rabiscador da verriça que sob a capa do anonymo fizeram publica. O desprezo é a unica resposta que os accasa- dos devem dar aos maisins seus aggressores que estão abaixo de zero desde que não destruíram accusações tão graves feitas com a assignatura e responsabilidade do accusador e nas condições de de que se trata; não tiverão nem ao menos a co- ragem de dizer que elle os havia calumniado e a despeito de tudo quanto escreveu e dizia constan- temente o referido bacharel, não perdido occasião de o bafularem, com elles pois, só algum se deve occupar para mostrar-lhes as mazellas, visto como foram aproveitados para exercerem cargos na si- tuação anormal que atravessamos. Muito proprio para discurrir com elles, é o ras- bicador da verriça, não só porque já os cobrio dos maiores hildges e a outros da familia, como por- que é um ente corrompido até a medula, um réo de policia, um defraudador de orphãos, um venal e tão depravado e immoral, que apesar de ter fami- lia e achar-se em avançada idade, vive em públi- co e escandaloso comenbato, dando os mais tris- tes espectaculos, a ponto de ter cahido no ridicu- lo e na maior desmoralisação possivel. Alem disto as victimas da aggressão dos dois

(a) O furto foi de cento e tantos mil reis. (b) A qual lhe foi pendurada ao pescoço na- queilla occasião. (N. do A.)

NOTICIARIO

mais, não precisão de defesa porque se elles possessem desconheciam a homens de probidade...

Um piracuruquense.

A quem competir.

O sr. capitão João Serafim, tendo requerido a presidencia da provincia, a 3.ª parte do rendimento da musica da antiga companhia de policia...

Um dos musicos.

Ao grande e illustrado partido liberal amarantino, e especialmente ao meu digno parente e amigo alicer Samuel Bento A. d'Oliveira Borges.

Com o mais profundo pesar tenho sabido dos factos occorridos n'essa localidade e na da Regeneração, onde reina a grande peste de insectos mortificadores.

Mas, admitta-se a phrase lymphatica—ne semper lita florent—.

Sim: nem sempre as chuvas faltarão para fazer desaparecer tão rigorosa peste alimentada pelas notas falsas do velho portugal; nem sempre ahi se apresentará um Ferrabraz sem que seja vencido por um Oliveiros; nem sempre ahi os abutres deixarão de estragar os cavallios mortos, e nem estes, finalmente ahi deixarão de carregar couros podres, sob a pressão do azorrague do jumento torto do findo Avellino.

Sim: e n'esta esperança que deveis posar. Sofrer hejta—para castigar a minhã, não é um martyrio, é gloria. Portanto deveis resignar-vos, tanto mais quando avistades, não ao fongue, e nem na vossa relaguarda—uma mosquiteira contra os insectos; um Oliveiros contra Ferrabraz; e os abutres contra os cavallios mortos; os couros podres no armazem de... para o jumento torto do findo Avellino, e o azorrague na lei, na justiça e no direito para castigar aos espoletas, aos instrumentos cegos e vis, e aos testas de ferro insolentes que por ahi vão apparecendo.

Meu parente Samuel Borges é hoje arrastado a cellula dos criminosos, não obstante existir em seu favor as regalias d'um officialato da guarda nacional, equiparado pelo governo geral as dos de 1.ª linha, somente por—perseguições vis e infames dos fanáticos da terra (Amarante e Regeneração) e muito principalmente para—intimidá-lo no nobre e ind-pendente eitorado ille-ral, ahi de que este abjuro as crencas santas e se azyle entre a phalange diabólica d'esse partido de ideias criminosas e corruptas.

Mas, desenganai-vos classe diabólica; o brado da liberdade soará em breve no horizonte, e então desaparecerá do Brazil, como da Inglaterra, os infames negreiros!

Sim: ainda resta-nos na Corá brasileira a esperança do sustentaculo da Independencia!

Vós (os v. z. negreiros) roubareis as victimas, o soco do espirito, mas não roubareis a todos, a existencia! E' este o nosso consolo, a nossa esperança!

Ainda mais.

Vem a «Epoca» de 3 do corrente innocentando e elogiando aos delegados de policia d'Amarante e Regeneração pelo acto arbitrario e violento praticado contra o referido alicer Samuel, e conclue aniquilando, qual frãe d'aldeia, ao digno juiz de direito d'aquella comarca.

Tem razão a «Epoca» porque nem de leve poderá heijar ao menos o rasto d'aquelle magistrado, pelo que escusa-se de analisar o seu nojentto artigo.

Tambem vem no mesmo jornal um sr. Epaninondas, cujo nome é escripto con—ONZE LETRAS—a dar picadas de mortificoes suppondo que, com estas, fará desaparecer um batalhão bem arremetido, e que trata de expellir ao inimigo. Este fraguez, pelo que me parece, tem callos; e é por isto que lhe falta a coragem de arrancar de sobre si a capa do anonymo ou a putrida lama que lhe cobre a escrofulosa face, sem verniz, para assignar-se no jornal e dizer, não a verdade, que sempre lhe faltou, mas a mentira e a calumnia, unicos dotes que lhe foram conferidos.

Avante, pois, onze lettras! crápula nojentto e infame!

Tu invertes os dotes que te caracterisão para fazer d'elles presente, a quem somente por um binoculo te encheira quando vós.

Avante ainda; pode ver que um dia te mandem um medico curar as bicheiras que os callos te produzirão. E então tu seras feliz!

A missão a que te propões mostra a estrella que te ha de guiar a privada.

Theresina, 4 de Janeiro de 1886.

Luiz Bento de Franca.

O Directorio do partido liberal convida a todos os liberaes de ambas as freguezias desta capital para se reunirem as 6 horas da tarde do dia 14 do corrente em casa do presidente do mesmo directorio, coronel João da Cruz e Santos.

A «Epoca» de sabbado apenas occupou-se em, estylo elagiac e lamurioso dos negocios do Amarante, acerca dos quaes um esgruvinh do rabiscador da terra exhibio-se em uma lenga-lenga fragil como as azas de learo. Ha muita gente que se capacita que a verdade precisa de 40 in folio para ser dita. Epaninondas é desta Mas, para entupirmos a patacoada juridica do fertil escrevinhador, basta-nos fazer-lhe uma simples pergunta: Podia o delegado, dado o caso, que negamos, de não ser caso de habeas corpus o de que tratou, reformar a ordem do juiz de direito? Competia-lhe superintender os actos do illustre tragistrado? Não. Bem ou mal; caso ou não; o habeas corpus foi expedido. Logo o seo dever era obedecer-o, ficando, pelo seo acto, o juiz responsavel perante a delegação do districto. Portanto, sob quaesquer pretextos, o seo procedimento foi criminoso, attentatorio e violento e por elle deve ser punido devida e severamente.

O dr. Coelho Rodrigues fallou as massas. Quem o quizer, queira, quem o não quizer, não queiras. Muito bem. O famoso jurisconsulto de pollegada e meia ha de sacudir o jugo em que vive. Faz muito bem.

Porem não seria melhor applicarem a esmola na libertação do illustre commissouado? Era.

A companhia de navegação mereço desta, como de muitas outras vezes, as investidas dos rozeos da situação, por ter mandado deixar expressamente, no Anarante, o nosso illustre amigo dr. Firmino Martins.

O crime certamente é grave. Mas o que queja «Epoca»? O dr. Firmino mereço estas distincções à que tem inconestavel direito pelo seo caracter e grandes serviços à provincia e não sabemos como a companhia faz politica em, acompanhando a opinião publica, nas justas homenagens prestadas a s.ª exc. ceder um dos seus vapores para conduzir ao Amarante aquelle illustre cidadão, cuja saúde e da exm.ª esposa achão-se gravemente alteradas.

O dr. Firmino não vai cabalar para o dr. Cruz, como pretende a rozea.

E si o facto de ir a Picos nesta quadra indica semelhante proposito é de bem que a «Epoca» convenha—que tem a bocca suja e não é competente para fallar n'essas tozias.

Para vencer lealmente ao dr. Coelho patrão da «Epoca», não necessita o partido liberal dos excessos, traicões e cobardes violencias que tems estigmatizado oriundos da governança; basta-nos a união do partido. A ogerza volada a companhia é velha, porem profundamente immoral.

Como a gente da «Epoca» cabala desde o confissionario até os hospiaes entende que os liberaes precisão desses recursos extremos, próprios dos fracos. Quando no poder vio a «Epoca» o modo de proceder do partido liberal: nenhum eleitor teve ordem de marchar. E o que vemos agora?

A companhia não faz nem fez jamais politica e o facto de ser a sua directoria liberal não prova nada: somente a má vontade dos famelicos alizajejos da «Epoca».

Não precisamos terjo incommodo que a «Epoca» nos propõe.

Sabemos como se fazem essas avaliações. Para nos desmentir publique-a, é melhor. Mas não será capaz de provar que o velho predio arrematado por 300\$000 reis, que não soffreo reparo algum, tanto que não paga de-cim, possa valer tanto. Esses parelões prestes a cair são os memios que hoje existem.

O nosso presado amigo tenente coronel Mello desta vez, irmanado com outros, foi amarrado ao poste epochino.

E' um consolo merecer essas distincções. E' pena que não engendrassem um facto mais grave, por exemplo: que o tenente coronel Mello assassinou a mulher e filhos; queimou a fogo lento o sogro etc. O effeito seria mais certo.

De resto vem um tal Psaphon as voltas. Isto necessariamente é d'algum lente novigo de historia, o unico capaz de saber dessas cousas. O achado é lindo e proprio para uma variedade. Continue o passaro cantor e testemunha anonyma de um falso deos. O tempo é propicio, o prado ameno, cheio de coelhos e rozas. Avante.

Desavenças no ministerio.—Spb esta, epigraphie lamos no «Diario do Maranhão».

—Carta da corte assim diz para o Pará sobre os ultimos acontecimentos.

«Entre o sr. presidente do conselho e o sr. Barão de Mamoré parece que ha divergencia de vistas sobre a escolha do senador pelo Pará. Os relevantes serviços prestados na ultima sessão legislativa pelo sr. dr. Samuel Mac-Dowell, e o prestigio que elle gozou nas duas ultimas formações ministeriaes, sendo sempre consultado e ouvido como chefe politico, o recommendam muito á consideração do sr. Barão de Cotegipe, além de outras fortes recommendações sensoriaes que actuam no mesmo sentido. O sr. Barão de Mamoré entende que é dever apoiar o nome do sr. conego Siqueira Mgudes, de quem se confessa amigo dedicado e grato, entendendo que a s.ª exc. se deve a força do partido conservador nesta provincia. Diz-se que, no caso de prevalecer a primeira escolha, o sr. Barão de Mamoré, se julgara obrigado a retirar-se do gabinete.

Consta que a deliberação foi levada a ultima conferencia, em S. Christovão, mas que o Imperador decidira que esse negocio fosse addiado para

outra conferencia. Assevera que as disposições do chefe de Estado são a favor do sr. José Ferreira Cantão. Eu julgo prematura a noticia, porque ordinariamente não é a escolha revelada de antemão.

Diz-se que em S. Paulo surgiu uma difficuldade de outra natureza. O sr. João Alfredo procurou conciliar e reunir na mesma chapa para deputados geraes os dous grupos conservadores, incluindo os amigos do sr. conselheiro Antonio Prado e os do sr. dr. João Mendes. Considerando-se mais forte, o ministro da agricultura não quiz anuir ao accordo, e os seus amigos desampararam a presidencia. De ahi resultou algum esfriamento entre o gabinete e o seu eminente delegado, que veio aggravar-se com a demissão injustificavel do dr. Souto Maior, delegado de policia da corte e aparentado do sr. João Alfredo. Prende-se a estes negocios o telegramma do dia 26 enviado ao «Diario de Noticias», que foi desmentido e afadado; mas parece certo que o sr. João Alfredo chegou a mandar chamar o vice-presidente e querer retirar-se para a corte. Ao mesmo tempo o «Jornal do Commercio» aggreddia energicamente o chefe de policia Coelho Bastos, antes da demissão de Souto Maior, apezar de sustinado pelo sr. Barão de Cotegipe.

O sr. conselheiro Antonio Prado foi a S. Paulo, e já está de volta, mais ainda não se sabe se s.ª exc. conseguiu abafar o rompimento entre os dous grupos do partido.

Prende-se, tambem, a este negocio o boato que circula do sr. conselheiro J. Delfino Ribeiro da Luz querer retirar-se do gabinete. Além dos excessos que o sr. chefe de policia Coelho Bastos tem praticado, ha desgostos pela administração da justiça, provindos do inquerito sobre o maladouro, que prejudicou interesses politicos. Os srs. Souto Maior, e Julio Ottoni foram demittidos, mas este desgosto ainda não serenou os animos.

Accresce que entre os srs. conselheiros Francisco Belisario e Antonio Prado não ha perfeito accordo, desde as divergencias que entre elles appareceram sobre a administração da provincia do Rio. O grupo paulista não está satisfeito com o sr. conselheiro Antonio da Costa Pinto, ao passo que este é apreciado pelo sr. Prado. Os dous ministros só ficarão juntos no gabinete até realisarem-se as eleições de janeiro.

Todos estes factos revelam que o gabinete actual é de transição, e que as proximas eleições geraes decidirão qual o chefe que deve assumir o mando da situação. E' provavel que a maioria se dividia entre os srs. conselheiros Paulino de Souza e João Alfredo e só seja possivel um gabinete de colligação dos dous elementos.

A chapa para deputados geraes da provincia de S. Paulo, ficou assim composta:

- 1.º dr. Lins de Vasconcellos, 2.º conselheiro Moreira de Barros, 3.º dr. João Marcondes, 4.º dr. Ferreira Braga, 5.º dr. Rodrigo Lobato, 6.º Camillo de Andrade, 7.º dr. Augusto de Souza Queiroz, 8.º Visconde do Pintal, 9.º dr. Theophilo Dias.

A da Bahia assim:

- 1.º dr. Frederico Lisboa, 2.º dr. Antonio Euzebio, 3.º conselheiro Prisco Paraizo, 4.º conselheiro Francisco Sodrê, 5.º dr. Ildefonso de Araújo, 6.º conselheiro Carneiro da Rocha, 7.º Barão de Villa Viçosa, 8.º dr. João Dantas Filho, 9.º conselheiro dr. Jeronymo Sodrê, 10.º dr. Aristides Spinola, 11.º conselheiro Ituy Barboza, 12.º dr. Juvenio Alves, 13.º Conego Antonio Agrippino, 14.º dr. Frederico de Almeida.

A de Pernambuco é esta:

- 1.º dr. Joaquim Nabuco, 2.º dr. José Mariano, 3.º dr. Silvino Cavalcanti, 4.º dr. Joaquim Tavares, 5.º dr. Pedro Beltrão, 6.º dr. Samuel Pontual, 7.º dr. Arminio Tavares, 8.º dr. Aristarcho Lopes, 9.º dr. Ulysses Vianna, 10.º conselheiro Godoy, 11.º dr. João Augusto, 12.º dr. Praxedes Pitanga, 13.º dr. Antonio de Siqueira.

Pelo Maranhão são candidaluz:

- 1.º tenente coronel Xavier de Carvalho; 2.º conselheiro Atanajda Oliveira; 3.º dr. Carlos Ribeiro; 4.º dr. Costa Rodrigues; 5.º dr. Custodio Santos; 6.º dr. Vianna Vaz.

Chamamos a attenção dos nossos leitores e amigos para o critério e serio artigo biographico assignado por Timpão, no qual é devida e justamente apreciada o nosso illustre amigo conselheiro Franklin Doria, candidato pelo 3.º districto desta provincia. Oppomos o juizo imparcial do illustre escriptor aos conceitos originarios da ferina paixão que tem sempre a grey conservadora, toda vez que tem de fallar no conselheiro Doria, um cidadão respeitudo nos altos circulos litterarios e politicos da corte do imperio. Intolerante, atrazada e tola a «Epoca» estranha a apresentação de s.ª exc. á deputação geral por esta provincia, sendo s.ª exc. bahiano, como se o bahiano não fosse brasileiro e inquevesse marcos constitucionaes postos, tyranicamente nos limites das provincias. Emperrada e retrogada como os velhos patriotas romanos estende a gente da «Epoca» que hõpes hostis e não admite que um qualquer cidadão chefo de serviços ao partido liberal pianhyense, pelo facto de não ser filho da provincia, mereça menos dos amigos. Ferreira Goncalves representa o Rio de Janeiro; Sigismundo Goncalves, Pernambuco; Rio Branco representou no Senado Matto-Grosso; Ottoni representa Espirito-Santo; Silveira Lobo, Minas; Silveira da Mota, Goyaz etc. sem serem filhos dessas provincias. Felizmente acima dos pequeninos odios dos caricatos patriotas pianhyenses; paira a inamalgavel recidiva da justiça, que não transige com a cau dilhagem dos rafeiros do dr. Coelho Rodrigues.

Os leitores apreciem com a devida attenção o escripto a que alludimos e ajuzará por si quão injusto e cobarde é o enfusado conceito espalhado pelos conservadores contra o illustre conselheiro Doria, especulando até com a sua naturalidade com insistente e mesquinha obstinação.

Consta-mos que o sr. Prado está absolvendo todos os contribuintes conservadores do pagamento de dizimo! Nesta situação anormal, monstruosa e em que impera desassombadamente

a vontade official, nada nos surprehende. Vamos apenas registrando ad perpetuum os abuzos e violencias das actuaes agencias do poder publico, para que não desapareçam essas miseraveis aberrações. Brevemente veremos o ultimo contribuinte-conservador riscado dos cadernos do thezouro e somente figurar, com imposto duplo, o liberal que não dobrar-se ás juras, reduções ou ameaças da horda vandallica que lastra a provincia com a confignação medonha que estamos presenciando. O sr. Prado não tem o minimo escrupulo.

Vae absolvendo a esmo todo conservador que lhe requer absolvição, pouca se importando com o resto. E' certo que s.ª exc. só cuida em salvar a candidatura coelhana.

Escrevem-nos das Barras:

A «Epoca» de 19 de dezembro ultimo trouxe um pasquim, aguiza do escripto, assignado por um tal Fernandes, instrumento gasto e ruim, em que esse ente, sem saber o que assignou, vomita contra nosso presado amigo tenente Manoel Lopes Cordeira Lima insultos dignos da penna que os escreveu. Conheçamos a bisca e a força que o moveu, e tanto basta para que o nosso distincto amigo Manoel Lopes não se abaixe a apanhar a lama que esse bodeco afrou-lhe, certo de que enlameado ficará sempre quem com traste desse jaez entretém discussão.

A sua timosia em injuriar e insultar a homens de bem, só pode trazer um resultado, a quem o não conhecer é—de sondá-lo dessas vestes que lhe emprestaram, aponta-lo com esse cortejo de vicios que lhe são habituaes. Basta isto.

Communicamos-nos.—O mestre da musica do corpo policial, Pedro José Nunes Primo, sendo empregado n'esta cidade seguiu, sem licença, no vapor de-cá para Amarante onde vai votar no candidato conservador.

Publicamos em outra secção deste jornal o manifesto politico pelo qual o honrado sr. Antonio José de Souza, eleito de Piracuruca, declara-se liberal. O acto do sr. Souza patenteia perfeitamente a sua nobreza de caracter adherindo a causa liberal nesta quadra desastrosa que atravessamos, quando nada temos a oferecer-lhe senão as agruras da adversidade.

Por isso mesmo, que vem ajudar-nos a carregar a pesada cruz dos soffrimentos, com desinteresse heroico, maior e effusão do nosso prazer vendo-o no nosso lado empenhado como nós na tarefa de fazer vingar a lei e a justiça no meio da dsmoronamento em que vão as causas patrias. Seja, pois, o honrado amigo bem vindo.

O cidadão Francisco Bibio, veio procurar-nos e expor nos uma violencia que acaba de fazer-lhe o fiscal e subdelegado João Teixeira. Francisco Bibio é negociante no mercado e la chegado o fiscal entendeu mandar deitar fora um porção de loucinho que o mesmo tinha a venda, allegando estar deteriorado. Bibio, por meios brandos, ia mostrar-lhe a sem razão da sua supposição, quando o fiscal subdelegado prorompeu em furia contra elle, ameaçando-o arrastar para a cadeia o que felizmente não teve lugar, graças a intervenção de algumas pessoas.

Narramos sem comentario o facto e, como não esperamos providencia alguma, nos limitamos ao que ahi fica registrado. Mas perguntamos: E' ao medico do partido publico ou ao fiscal da camara que compete o exame das carnes expostas á venda? Ou o fiscal accumula os dois cargos?

Para o interior da provincia, em commissão do governo paulista no vapor de 4 do corrente o nosso presado amigo capitão Francisco Gonçalves Mairrelles Filho. Este nosso amigo violentamente esbulhado do exercicio dos seus direitos electoraes, 11 dias antes da eleição, apezar do art. 231 do d.º c. n. 8213 de 13 de Agosto de 1881, foi mandado para inspecção nas colheitorias! E diz a rozea que tudo vai bem! Proveta não!

No dia 5 do corrente falleceo, ainda no verde dos annos, o tenente Deolindo de Souza Monteiro Primo sobrinho do nosso particular amigo, o respeitavel e honrado capitão Herculano de Souza Monteiro, a quem, e aos demais parentes do morto, enviamos nossas condolencias.

EDITAL

O Sr. Administrador dos Correios da provincia manda fazer publico, que as sahidas dos correios desta capital para Caxias serão d'ora em diante a 4, 9, 14, 19 e 29, de cada mez, e em consequencia d'essa alteração passa o correio de S. Raimundo a sahir a 5 em logar de 4, e a 21, como d'antes.

Administração dos Correios do Piahy, em 7 de janeiro de 1886.

O Contador interino.

Firmino Alves Cardoso e Paz.

ANNUNCIOS

Assucar de 1.ª qualidade em barricas e meias ditas á 380 reis o kilo, e a retalho á 400 reis o kilo—vendem João da Cruz & Irmão.

Irmãos Veras & C.ª

Na Parnahyba vendem polvora fina—FF—a

22\$000 reis o barril

A DINHEIRO.

Ther., 1886: impr. por Joaquim d'O. Costa